

Jean Lauand

Filosofia na “Língua Portuguesa”

(do No. 1 ao No. 100 – 2005 a 2014)



Apresentação

Luiz Costa Pereira Jr.

editor da revista *Língua Portuguesa*

CEMOrOc
EDF-FEUSP



FACTASH EDITORA



JEAN LAUAND é professor Titular Sênior da Faculdade de Educação da USP. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Diretor do CEMOrOc - Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-FEUSP. Professor Investigador e Pesquisador Emérito do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto. Membro No. 80 (correspondente) da *Reial Acadèmia de Bones Lletres* (Real Academia de Letras de Barcelona). Fundador e Presidente do CEMOrOc *Centro de Estudos*

Filosofia na “Língua Portuguesa”

(do No. 1 ao No. 100 – 2005 a 2014)

Jean Lauand

Filosofia na “Língua Portuguesa”

(do No. 1 ao No. 100 – 2005 a 2014)

Apresentação

Luiz Costa Pereira Jr.

editor da revista *Língua Portuguesa*

Apoio cultural:

Radix – Projetos Educacionais

CEMOrOe
EDF-FEUSP


FACTASH EDITORA

São Paulo
— 2014 —

Copyright © by Jean Lauand, 2014
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros
quaisquer, sem autorização prévia do autor.

Projeto Gráfico:
Tarlei E. de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Lauand, Jean
Filosofia na “Língua Portuguesa”. Jean Lauand : São Paulo: Factash Editora,
2014.

86 p. 18 x 25 cm.
ISBN 978-85-89909-91-4

1. Filosofia 2. Educação 3. Filosofia da Linguagem. I. Título

CDU 370.981

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído pelos seguintes
Professores Doutores:

Diretores:

Jean Lauand (Feusp-Umesp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio G. R. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Fics)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (California State Univ., Fullerton)
Gabriel Perissé (ESDC)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp-Fito)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autônoma de Barcelona)
Ricardo da Costa (UFES)
Roberto C. G. Castro (Fiam)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Sílvia Regina Brandão (Uscs)
Terezinha Oliveira (Uem)

Factash Editora
Rua Costa, 35 – Consolação
01304-010 – São Paulo – São Paulo
Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Sumário

Apresentação	7
O brasileiro é um bicho neutro (v. 1, p. 50-51, ago. 2005)	11
O laboratório de tio Patinhas – as mudanças da linguagem em cada geração (v. 9, p. 18-23, jul. 2006)	17
Pegadinhas no Evangelho (v. 29, p. 48-53, março 2008 – revisto e ampliado)	29
As palavras em rede (v. 37, p. 39-43, nov. 2008)	51
A danada da partícula “de” (v. 73, p. 43-43, nov. 2011)	61
Coração, o girador (revista <i>Metáfora</i> , v. 6, p. 42-45, abril 2012)	65
Um olé! de Deus (revista <i>Metáfora</i> , v. 10, p. 24-26, ago. 2012).	71
Ditos seculares (v. 100, p. 14-15, fev. 2014 – revisto e ampliado).	77

O pensamento contido na linguagem

Este livro – como os dois que o antecederam - traz algumas das principais contribuições do filósofo brasileiro Jean Lauand à revista *Língua Portuguesa* (editora Segmento), de 2005, por ocasião do primeiro número, até 2014 (e um par de artigos para a revista *Metáfora*, irmã da *Língua*) .

Jean é pensador de produção vulcânica, oráculo e motor de admiradores, entre os quais me incluo. Não só por ser a referência brasileira na apreensão do pensamento de Tomás de Aquino para a análise dos problemas concretos da atualidade. Jean é um incentivador fraterno da inteligência alheia, e o São João Batista da revista *Língua*, ele mesmo criador de inúmeras publicações de referência. Não fosse sua ênfase em ver a linguagem como um grande reservatório da experiência humana e não me teria ocorrido sequer a ideia de criar uma revista sobre a expressão em língua portuguesa. Não fosse o seu amparo e o debate prévio com ele sobre o que seria desejável a um periódico especializado em linguagem e eu não teria definido certas linhas de abordagem.

O ar bonachão acentua a voltagem de suas piadas. A agilidade de raciocínio o torna mais leve do que é, que o jogo de pernas das ideias, novas ou muito antigas, é sempre fonte de renovada originalidade. Jean tem o estilo fagueiro de quem quer saber com sabor. Em textos os mais acadêmicos, em conferências as mais dinâmicas, em conversas de bar as mais despretensiosas, fissa com pinça a imagem concreta que parece iluminar uma ideia e faz da compreensão afetuosa dos limites humanos o resultado imediato de cada investida que promove ao pensamento antigo.

Seu entusiasmo com as possibilidades da filosofia é também sadio realismo. O mais abstrato conceito ganha viço se “descer” ao concreto e Jean desconfia que há uma pedagogia do raciocínio antigo que, traduzida aos termos de hoje, vale para os dias de hoje. Daí a naturalidade com que põe, num mesmo raciocínio, uma lista que vai de Tomás de Aquino, Platão, Shakespeare, Pelé, Nat King Cole a Rei Leão, da Disney, e a imagem que se forma em nossa mente é tão iluminadora que dá sentido ao que antes parecia obscuro.

Para Jean, há compreensões dos antigos que se aplicam feito luva à compreensão do mundo contemporâneo. Porque, no fundo, o que foi dito antes, mesmo nos rincões da Antiguidade e da Idade Média, mantém validade, não porque aplicado ao pé da letra, mas porque, vencida a poeira da dicção de época, há vida nos conceitos, nas entrelinhas da imaginação antiga, nas inspirações que motivaram seus raciocínios.

Esgarçada por séculos de contestações filosóficas, há muito perdeu prestígio a ideia de que podemos estabelecer a essência das coisas, a apreensão radical dos fenômenos. Quando investiga o

assunto, o filósofo como o alemão Josef Pieper (1904-1997), cuja obra é central para o pensamento de Jean Lauand, ele realoca o ponto de inflexão da resposta: nunca teremos acesso a uma “essência”, só às grandes experiências humanas, aquelas que se fundiram e se esconderam sob a superfície do cotidiano, em particular nas instituições, nas práticas humanas e na linguagem .

Tais experiências, formadas por insights considerados inaugurais ou momentos fundantes da vida humana, conteriam significados que se perderam na história e foram transformados por sucessivas e seculares alienações coletivas. Mesmo que não inaugurais, mas imemoriais, não deixam rastro evidente na memória humana. Visões de mundo, concepções de época, preconceitos e contingências concretas da realidade estão encobertos em fenômenos que não exibem seus rastros, nos conceitos mais abstratos, em vocábulos insuspeitos, nas realidades que parecem existir desde sempre, como que por geração espontânea.

A linguagem tem valor ontológico (o ser é linguagem), a palavra não é só ferramenta da comunicação, mas sustenta o próprio ser. Ao rotular o mundo, ao esquadrihar formas expressivas, cada língua impõe uma maneira de compreender o mundo, comporta perspectivas (Wilhelm Humboldt fala numa diferença de “perspectivas universais” – *Weltansichten* – entre as línguas), e aversões contra outros ângulos de percepção da realidade. A mentalidade e o agir só se efetivam porque inscritos em estruturas expressivas e os fenômenos são interpretados de forma diversa a depender do idioma, que é ele mesmo um ponto de observação do mundo (embora outros autores defendam o oposto, que as diferenças linguísticas são subordi-

nadas às distintas concepções de mundo). As estruturações do discurso não são formas vazias, traduzem motivações e contingências imemoriais, refletem experiências arraigadas que ajudam a compor uma antropologia filosófica – a investigação sobre o conceito que o ser humano faz de si próprio ao longo do tempo, de suas capacidades e ações, das faculdades que o tornam hábil em sua interação com o mundo.

Jean Lauand me ensinou tudo isso, principalmente, me ensinou a amar um pouco mais a língua. Nos primeiros oito anos de existência da revista *Língua*, ensinou os leitores a encarar os mistérios da linguagem para entender um pouco mais ao mundo e a si mesmos.

LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR

Fevereiro de 2014

O brasileiro é um bicho neutro

(v. 1, p. 50-51, ago. 2005)

Neutrum: nem um, nem outro: indeterminação

Pão, pão; queijo, queijo! Mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...): para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso: pão de queijo (mais ainda para o mineiro)!

Utrum é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

As línguas que dispõem do neutro (como, por exemplo, o latim ou o espanhol) contam com um poderoso recurso de pensamento, sem o qual tornam-se inacessíveis amplas regiões do real. E como se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar proporcionadas pelo neutro, um dos grandes excluídos de nossa gramática. Assim, embora o português não possua o neutro, o gênio brasileiro recupera, como veremos, o espírito do neutro, sobretudo na criativíssima gíria produzida nestes trópicos.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja:

“gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Na verdade, o neutro puxa para a abstração, a totalidade, a indeterminação e não tem nada que ver com “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino só se opõem ao neutro enquanto determinação; não enquanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino – cujo pensamento filosófico e teológico explora muito as ricas possibilidades do neutro - no-lo explica:

“O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **oito**” (não interessam aqui as determinações desse oito: não só as concretizações de sexo, homens/mulheres, mas de qualquer outra determinação concreta: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “oito”).

A indeterminação do neutro permite à Teologia expressar delicadas teses trinitárias. Assim, diz Tomás:

“Já que em Deus a distinção é segundo as pessoas e não segundo a essência, dizemos que o Pai é *alius* (*outro*, masculino) em

relação ao Filho, mas não que é *aliud* (outro, no sentido de outra coisa, neutro); e que Pai e Filho são *unum* (um, neutro, no sentido de *lo mismo*) mas não *unus* (masculino, no sentido de *el mismo*)” (I, 31, 2 ad 4)¹.

Também é o neutro – que aponta para a totalidade e não interessam as determinações – que encontramos na sentença de Terêncio: “*Homo sum et nihil **humani** alienum me puto*”, sou homem e nada *do humano* (“daquilo que é humano”) considero alheio a mim. Evidentemente, nossa substantivação (“o humano”, “o social” do famoso slogan “tudo pelo social” etc.) é uma aproximação do extinto neutro.

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que constitui uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz: “na hora²” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “at the moment”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos,

1. Quando não se respeitam essas sutilezas, surgem confusões ou rixas causadas por equívoco, o que é, literalmente, um *quiproquó*, *qui-pro-quod*, é tomar o *qui* (masculino) em lugar (*pro*) do *quod* (neutro): o Pai é *lo mismo* (*quod*) que o Filho, mas não *el mismo* (*qui*).

2. Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...

chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

Indeterminação do espaço: “é pertinho”, é “logo ali”, “um tirico de espingarda” etc.

A indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que pinte um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro. Como se sabe, mineiro não é contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pela borda. Não dá bandeira. Daí a certa sabedoria de uma de nossas mais geniais piadas:

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro..e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

– É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países

dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos por exemplo nessa – incrível, para os estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que que é um ponto facultativo?” – É feriado? – Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!! – Então, se não é feriado, haverá trabalho normal? – Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser...

O neutro na gíria brasileira

O neutro, banido da gramática da língua portuguesa, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, para bom entendedor...).

Seguem-se alguns exemplos (em negrito); em cada caso, pode-se ajuntar a pergunta “... o quê?” e a resposta : “Não interessa, é neutro!”.

Numa boa – Um leve acidente de trânsito, um espelho deslocado. Em vez de discutir e chamar a polícia, vamos resolver **numa boa**. Numa – o quê – boa? Não interessa, é neutro!

Qual é a dele? – Tipicamente neutro. Bem apropriado à mentalidade neutra brasileira, que deixa cada um **na sua**...

Qual é? (ou: qual é, **ô meu?**) – Forma ainda mais neutra (mais totalizante e indeterminada) do que a anterior.

Pô, o cara chega aqui **na maior**. Esse cara **tem cada uma...** (na maior, o quê? cada uma, o quê? Não interessa, é neutro!).

Ô, chefia – Vocativo de garçon em boteco. Garçon, que não só é promovido a (reles) chefe, mas à neutra (e, portanto, total) “chefia”. Vê... **o de sempre**. Nessa mesma linha, usa-se o vocativo “Ô malandragem”, mais geral do que o concreto “malandro”; “Ô amizade” etc.

Numa pior – **Sabe como é**, ele tá numa pior...

Tenta, vai que **numa dessa, rola...**

Aprontou todas – E ainda fica **se achando... É dose...**

Tendendo à generalidade do neutro está o “**a gente**” (indeterminado entre o “eu” e o “nós”).

Objetar-se-á que nem todos os exemplos acima são exatamente de neutro. Em todo caso, esses exemplos têm o espírito do neutro e seja como for, é **por essas e por outras** que eu, **na maior**, fico com o filósofo Kleber Bambam: **faz parrte...!**

O laboratório de tio Patinhas – as mudanças da linguagem em cada geração

(v. 9, p. 18-23, jul. 2006)

Para além das discussões sobre gramática, norma culta, língua “brasileira”, qualidade do ensino etc., é fato evidente que a linguagem comum, sobretudo a falada pelo jovem, tem sofrido transformações ao longo dos anos. Pode-se avaliar este fato de diversos modos: desde os que, apocalipticamente o deploram, como signo incontestado da ação deletéria da prevalência da imagem sobre a escrita, até – no extremo oposto – os que o vêem com bons olhos: como natural evolução e progresso.

Seja como for, é necessário antes de mais nada, identificar em que consistem essas transformações. Uma experiência interessante, nesse sentido, é-nos oferecida pela publicação de uma mesma história em quadrinhos (HQ) ao longo das décadas: com os mesmos desenhos, mas com o texto adaptado ao leitor, em cada época.

Nesses textos, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, em cada caso. Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

É o que faremos, de modo apenas indicativo, neste estudo. Examinaremos comparativamente os textos das diversas edições da HQ “Tio Patinhas e os índios nanicós”, desde o de seu surgimento no Brasil, em abril de 1958, até a mais recente versão, a de dezembro de 2004, considerando também (naturalmente, com menor ênfase) as edições intermediárias de 1967, 1982 e 1988.

“Tio Patinhas e os índios nanicós” é uma dessas clássicas criações de Carl Barks, o gênio da Disney, pai de personagens como Tio Patinhas e Prof. Pardal. Barks é um clássico, que une narrativas dinâmicas a um desenho magistral, numa combinação cômica inigualável. Sua obra continua sendo uma permanente fonte de inspiração para significativas discussões, sobretudo para a educação de nosso tempo, que busca referenciais concretos para a interdisciplinaridade e temas transversais.

Há exatos cinqüenta anos, em 1956, antes de que se falasse em ecologia, no sentido que viria a se absolutizar com referência à poluição industrial considerada em contexto político, “*green interest* etc. – e nem sequer estava difundida a palavra “poluição”, Barks cria a HQ em questão, “*Land of the Pigmy Indians*”, logo traduzida e publicada no Brasil.

O enredo é simples: Tio Patinhas já não suporta a poluição de Patópolis (poluição, aliás, que suas indústrias criaram) e compra do corretor Chicão uma imensa área desabitada na região dos Grandes Lagos no Norte, onde possa manter-se em contato com a natureza, longe de qualquer indústria e inclusive despreocupar-se da guarda de seu rico dinheirinho, pois lá não há ninguém para o roubar.

Para a primeira visita a essas suas terras, vai acompanhado de Donald e dos sobrinhos. Naturalmente, o instinto de lucro é tão forte que, uma e outra vez, Patinhas terá suas recaídas e ficará pensando constantemente em como explorar industrialmente os minérios e recursos naturais desse seu paraíso ecológico.

Ocorre, porém, que as terras não são desabitadas: nelas vivem - como os patos descobrirão aos poucos - uma tribo de pigmeus, os índios nanicós. Esses índios, verdadeiros donos das terras desde tempos imemoriais, não se deixam enganar por Patinhas, capturam os patos e impõem a Donald o desafio de vencer a principal ameaça para a tribo: o monstruoso peixe, rei esturjão.

Donald, com a ajuda dos sobrinhos, acaba vencendo a fera, atingindo-a com o venenoso “óxido de estrombôlio” (preparado com os minérios extraídos por Patinhas). Embora agradecidos, os desconfiados nanicós, diplomaticamente “expulsam” os patos: na festa de celebração da amizade, oferecem a Patinhas o cachimbo da paz ocultamente abastecido com o “óxido de estrombôlio”. Patinhas, sob o impacto da ação do veneno, é levado de volta para Patópolis e nunca mais quer ver as terras dos índios do cachimbo fatal.

A história ocupa 27 páginas, num total de 208 quadrinhos. Na criação dos personagens nanicós, Barks declara ter se inspirado no poema “*A Canção de Hiawatha*” do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow. Assim, os nanicós falam sempre em versos rimados e são capazes também de conversar com os animais, seus poderosos aliados contra os patos.

Voltemos aos fatos de linguagem.

Em números anteriores de “Língua Portuguesa”, temos analisado como nossa língua perdeu recursos do latim, como é o caso do neutro ou da voz média. Perdeu também as declinações, a flexão do final da palavra latina que indica se ela exerce, por exemplo, a função de sujeito (*rosa*), objeto direto (*rosam*), adjunto adnominal restritivo (*rosae*) etc.; em português é só *rosa* e ponto. Encontramos resquícios das declinações latinas nos pronomes (tu, te, ti etc.), mas mesmo esses vestígios estão desaparecendo (“Vida leva eu” etc.).

Certamente seria exagerado dizer que está se formando atualmente uma nova língua no lugar do português, mas, sem dúvida, não são de menor importância, transformações do português realmente falado no Brasil de hoje (sobretudo pelo jovem...), como o atual processo de supressão (fática) do subjuntivo (ou da distinção subjuntivo/indicativo). O que se ouve é: “Se você quer que eu vou, eu vou...”. E o mais grave é que esta supressão (gramatical) corresponde a uma supressão de distinção de categorias mentais: a abolição da distinção entre o real em ato e o simplesmente possível ou desejado...

Algumas mudanças do tipo fazem as diferenças das falas dos personagens de Tio Patinhas e os Índios Nanicós, nas cinco edições publicadas entre 1958 e 2004, como vemos ao longo destas páginas.

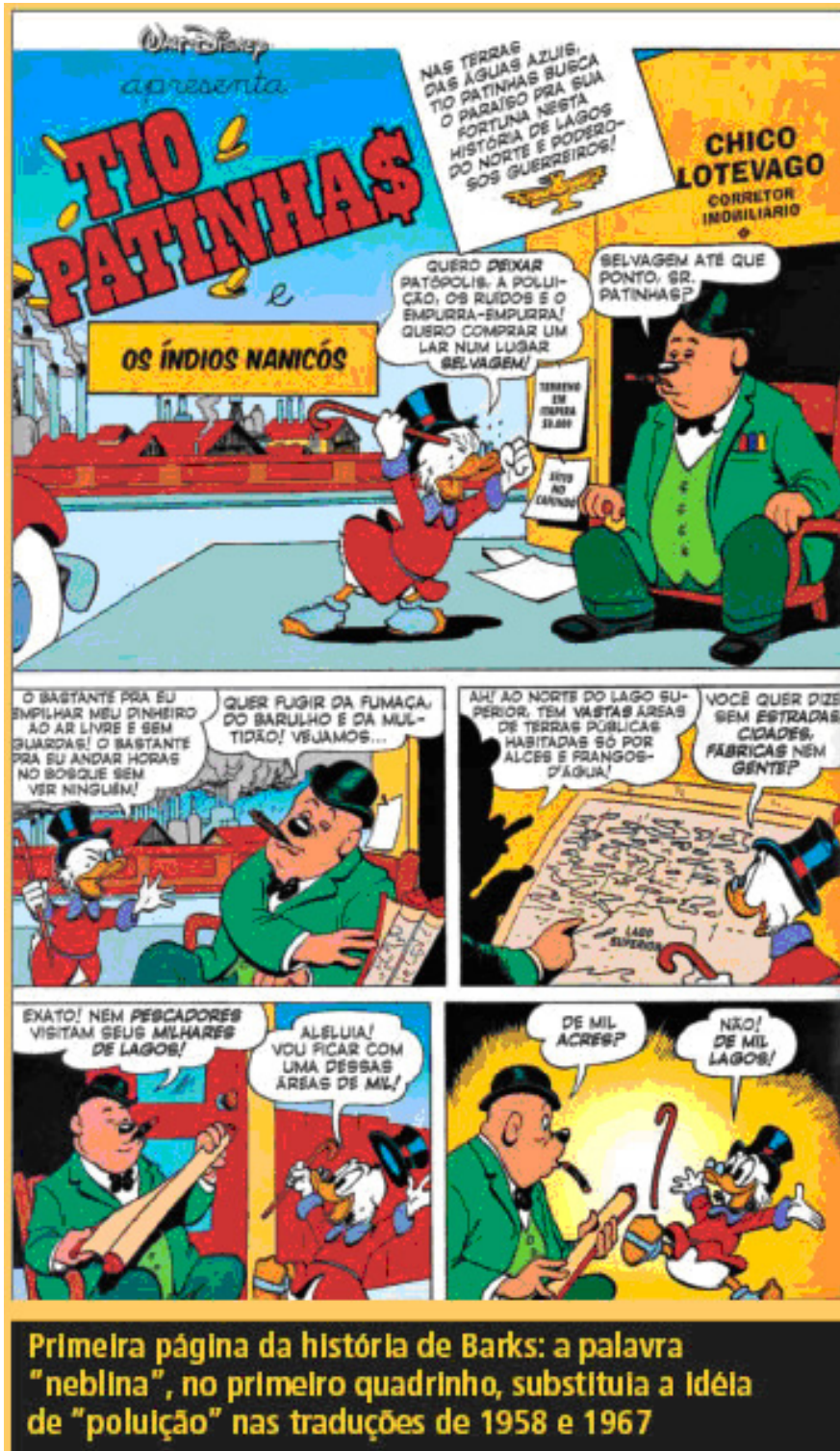
ADEQUAÇÃO CONCEITUAL

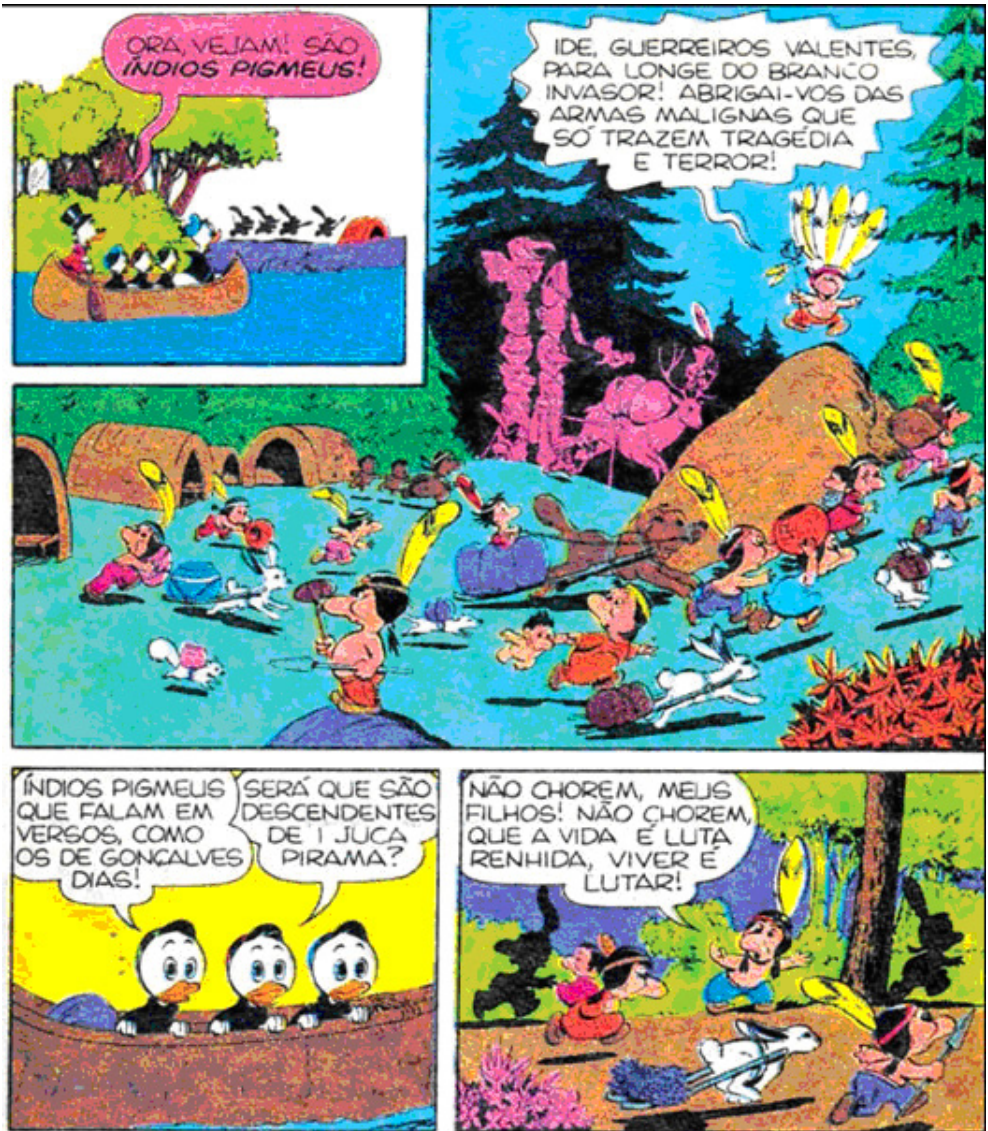
As diferentes traduções da mesma história de Tio Patinhas trazem algumas mudanças de texto que remetem a vigências sociais de cada época em que ocorreu uma versão. Em 1958, por exemplo, Huguinho, Zezinho e Luizinho tratam a Donald de “senhor” [16, 4], mas, em 2004, já se dirigem ao tio com “você” [20,7]. Já Tio Patinhas é, em todas as edições, tratado de “senhor” [3, 7].

Em relação ao léxico em geral, notamos mudanças conceituais importantes, que revelam a convivência com idéias em cada geração. Já no primeiro quadrinho da história, só a partir da edição de 1982, aparece a palavra “poluição”, quando Patinhas diz: “Eu quero deixar Patópolis e essa **poluição**, ruidos e gente apressada!” Em 1958 e 1967, a fala correspondente era: “Eu quero deixar Patópolis com sua **neblina**, ruidos e gente apressada!”

Nesse mesmo quadrinho, encontramos uma fórmula que hoje não é usual: a expressão “ir ter”, com que se iniciava a HQ em 1958 e 1967: “Tio Patinhas vai ter às terras do Norte” [1, 1], substituída por “Tio Patinhas vai às terras do Norte” em 1982 e 1988. Nessa mesma linha, encontramos expressões como:

1958	2004
“Você terá a região toda para si ” [2,1] (segunda página, 1º quadrinho)	“O lugar vai ser todinho seu”
“... nos aproximaremos por entre as árvores” [12,2]	“... nos aproximamos entre as árvores”
“... dentro de alguns minutos” [14,2]	“... em poucos minutos”
“antes que dêem pela falta dele” [13,6]	“antes que sintam a falta dele”





UMA DIFERENÇA DE REPERTÓRIO IMENSA É A LIGAÇÃO QUE CADA TRADUÇÃO DA HQ *TIO PATINHAS E OS ÍNDIOS NANICÓS* ESTABELECE COM A LITERATURA. OS PATOS OUVEM PELA PRIMEIRA VEZ A FALA DOS NANICÓS:

1958	ORIGINAL DE BARKS
Ide, guerreiros valentes, Para longe do branco invasor! Abrigai-vos das armas malignas Que só trazem tragédia e terror [9,2] (nona página, 2º quadrinho)	Go, Peeweeгахs, from your village! Flee the mighty, warlike strangers! Flee the magic in their blowgun They have come to make much trouble For the land of the Peeweeгахs!

E, imediatamente, os sobrinhos exclamam:

EDIÇÕES ANTERIORES A 2004	ORIGINAL DE BARKS
"Índios pigmeus que falam em versos como os de Gonçalves Dias!" "Será que são descendentes de Y-Juca Pirama?" E, de fato, um dos nanicós em fuga evoca a <i>Canção do Tamoio</i> : "Não chorem, meus filhos. Não chorem, que a vida é luta renhida. Viver é lutar!"	"Pigmy indians that talk in rhythm like Longfellow's <i>Song of Hiawatha</i> !"

Embora a tradução que remete o poema de Longfellow aos de Gonçalves Dias pareça-nos muito adequada para uma HQ, a edição mais recente opta pelo obscuro decalque: "Índios pigmeus que falam em versos como em *O Pequeno Hiawatha*".

FORMAS DO FUTURO

Alguns futuros que são de forma simples (“ficaremos”) na edição mais antiga, aparecem em forma composta (“vamos ficar”) nas mais novas da história do Tio Patinhas. Alguns exemplos:

	1958, 1967	1982, 1988	2004
[3, 5] (terceira página, 5º quadrinho)	“Ficaremos uns dias por aqui e depois voaremos...”	“Vamos ficar uns dias por aqui”	“Vamos explorar a área...”
[8, 1]	“Terão de respeitar o direito de propriedade”	“Vão ter de respeitar o direito de propriedade”	[fala alterada]
[10, 4]	“Que faremos agora?”	“Que vamos fazer, agora?”	“E agora? O que vamos fazer?”
[21, 1]	“Credo! Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa!”	“Nossa! Não vai adiantar enfrentá-lo com uma canoa!”	[fala alterada]

INTERJEIÇÕES TROCADAS

Algumas das interjeições das antigas edições são trocadas. Na seguinte fala, além da interjeição, note-se também o todo da frase:

➔ **Puxa!** Mas que ar saudável e revigorante! Eu poderia engarrafá-lo e vendê-lo em Patópolis! [3, 6] (terceira página, sexto quadrinho em todas as edições anteriores a 2004).
Oh, que ar saudável! Aposto que dá pra engarrafar e vender em Patópolis! (2004)

➔ **Rapaz!** Milhões de lagos... [3, 1] (em todas as edições anteriores a 2004).
Vejam! Milhões de lagos (2004).

➔ **Ai, meu pai do céu!** [14, 1] (1958, 1967 e 1982)
 Minha nossa! (1988)
 Pelas flechas de Jerônimo! (2004)

➔ **Boing!** Aí vem ele! [20, 5] (1958, 1967)
Uau! Aí vem ele... (2004)

➔ **Credo!** Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa! [21, 1] (1958, 1967)
Nossa! etc. (1982 e 1988)
Ai, ai, ai! etc. (2004)

➔ **Ai, durão!** Não deixe escapar! [21, 7] (1958, 1967, 1982 e 1988)
 Não deixe ele escapar! (2004)

➔ **Rapaz, é mesmo!** [22, 6] (1958, 1967, 1982 e 1988)
Sim! É mesmo! (2004)

➔ Prestes a ser tragado pelo rei esturjão, Donald exclama:
Mãe! Chegue pra lá, Jonas! Aí vou eu! [24, 8] (1958 e 1967)
 Chegue pra lá, que aí vou eu! (1982 e 1988)
 Agora sei como Jonas se sentiu! (2004)



MUITOS VOCABULÁRIOS

NO CAMPO DO LÉXICO, A TENDÊNCIA GERAL É A DE AS EDIÇÕES MAIS ANTIGAS APRESENTAREM PALAVRAS MAIS CULTAS

1958	2004
Que pretende caçar? [2,7]	O que vai caçar?
Acampam num aprazível banco de areia [5, 1] (quinta página, 1º quadrinho)	Acampam numa barra arenosa.
Eis o nosso programa! [11,1]	Esse é o plano!
... Não deixaremos rasto, exceto onde aportarmos [14, 5]	... Pra deixar rasto só quando for preciso.
Ademais... [14, 7]	Além disso...
Eis o novo lago [15, 6]	Lá está o outro lago
Se ele falhar, nosso futuro será passado [20,8]	Se ele falhar, seremos considerados inimigos
Após o cachimbo dos nanicós, este ar parece ambrosia! [27,7]	Após o cachimbo dos nanicós, este ar parece perfume!
... e persuadi-lo a ser nosso embaixador [13, 1]	... e fazer dele nosso embaixador

Também no caso especial das falas dos nanicós, que pretendem imitar poemas do século 19, a tendência mais erudita é a da edição antiga (que, além do mais, emprega, neste caso, a 2ª pessoa, muito mais apropriada para a situação). Um par de exemplos:

1958	2004
Nosso encontro será (...) no arcano de nossa terra amada [11,7] (décima primeira página, 7º quadrinho)	Nosso encontro será (...) às margens da água prateada
... são nossas desde priscas eras [18, 7]	... são nossas há incontáveis eras
Ó tu, que vens de longe... [18, 1]	"... em poucos minutos"

Por outro lado, na edição de 2004, encontramos um delicioso "Relaxe", em vez do antigo "Não precisa temer nada!" [13, 5]. Temos também "É hora de fazer trilha até o próximo lago" [14, 8] em vez de: "Temos que ir para o próximo lago". Ou "pro nosso lazer" [2, 6] (2004) em vez de "para nos divertirmos" (1958).

Pensamento confundente – línguas semitas

Distinguir e confundir, ensina o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, são duas importantes funções do pensamento/ linguagem. Numa entrevista que fiz, em 1999, a um dos mais importantes filósofos de nosso tempo, o saudoso Julián Marías, ele assim expunha o conceito orteguiano de “pensamento confundente”:

Há uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava ‘pensamento confundente’. Eu gosto do exemplo da palavra ‘bicho’, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos diante de um ‘bicho’ de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros,

mas, para muitos efeitos, não interessa). O ‘pensamento confundente’ é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue³.

De fato, para certos efeitos, necessitamos da distinção; para outros, a distinção atrapalha: se pouso um “bicho” no meu ombro, tudo o que me interessa é expulsá-lo, pouco importa se se trata do coleóptero A, B ou C...

As diversas línguas têm relações diferentes com o confundente; algumas tendem mais à distinção; outras à “confusão”: não há nisso juízo de valor: o confundente pode ser uma riqueza. Em outros estudos, temos mostrado como, tipicamente, as línguas orientais tendem mais ao confundente: a designar por um único vocábulo realidades que, para nós, só podem ser expressas por diversas palavras.

Consideremos, por exemplo, a palavra árabe *Salam* (ou sua equivalente hebraica: *Shalom*), usualmente traduzidas por *Paz*. Ou melhor, se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos o radical tri-consonantal (radical que determina essencialmente o significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) S-L-M, ou em hebraico Sh- L-M.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M.

S-L-M significa também, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro um giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou

3. <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

rompendo a S-L-M. Daí que o nome SaLyM, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente entenderia se se dissesse de um giz quebrado que ele perdeu “sua paz”.

Pensamento confundente – exegese bíblica

Ter em conta o caráter confundente das línguas semitas é importante para a exegese bíblica. Por exemplo, fora desse contexto confundente, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14). E quando um ocidental examina a razão pela qual Paulo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro e de dois fez um”.

Já para um semita é totalmente natural que Cristo seja nosso *Shalom* precisamente porque Ele restabeleceu a unidade, “quebrou o muro e de dois fez um” (Ef 2, 14). Aboliu a lei, fazendo, em Si mesmo, de dois, um homem novo: a paz (*Shalom*). E em Col 3, 15, Paulo dirá também, tautologicamente em semita: “é pela paz de Cristo que formais *um só corpo*” etc.

Pensamento que distingue – os “se” semitas x nosso “se” singular

Mas, neste artigo, não enfatizaremos o confundente semita; interessa-nos, sim, um caso excepcional, que vai no sentido contrário: um caso no qual as línguas semitas (centraremos nosso estudo no árabe, mas vale também para o hebraico e o aramaico, a língua falada por Jesus), distinguem, enquanto nossa língua confunde: trata-se da conjunção “se” e de como essa nossa “confusão” pode perturbar a compreensão das falas evangélicas.

É o caso da distinção semita em três níveis daquilo que, em nossa língua, se confunde na única conjunção “se”⁴. Para nós, a conjunção “se” é confundente e pode situar-se – quanto à possibilidade de realização – em três níveis distintos:

- 1) Um primeiro nível é o “se” (em árabe *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se chover em janeiro em São Paulo, haverá enchentes”, “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem paciência”. É um “se” que poderíamos até substituir por “quando”: certamente choverá em janeiro e filho sempre dá alguma preocupação.

4. Para as formas árabe, hebraica e aramaica do “se” de impossibilidade (em árabe: *law*), veja-se “If introducing statement known or believed to be untrue” in De Lacy O’Leary *Comparative Grammar of Semitic Languages*, Routledge, 2000, p. 276. Para o se de certeza (em árabe *idha*, em hebraico *hen*), cf.: Stec, D. M. “The Use of “hen “ in Conditional Sentences”, *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill, 1987, vol. 37, n 4, p.478-486. Segundo Stec, há mesmo estudiosos que consideram *hen* - no sentido especial de “se” – um aramaismo no hebraico bíblico.

- 2) No extremo oposto, situa-se o “se” (em árabe: *law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.
- 3) E, finalmente, o “se” mais normal, que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está muito congestionado”.

Na 33^a. rodada do campeonato brasileiro de 2007, tivemos uma confluência dos três níveis do “se”. Para ser campeão, bastava ao São Paulo não perder para o lanterna América de Natal, em um Morumbi lotado com 60000 torcedores. A diferença dos saldos de gols entre os dois times era de 90!! Quando a imprensa noticiou: “Se o São Paulo não perder para o América, será campeão por antecipação”, esse “se” não era de dúvida, mas de certeza: ninguém apostaria um centavo no América (ainda que o técnico Muricy Ramalho insistisse em afetar humildade). Já o “se” de dúvida real, de possibilidade real, ficava por conta de: “Se o Corinthians for rebaixado...”, naquela ocasião uma mera possibilidade. E, finalmente, quem dissesse, naquela 33^a. rodada, “Se o Santos for campeão...” (o Santos ainda tinha uma infinitesimal “chance matemática”, envolvendo mil articulações...), estaria usando o “se-*law*”, que corresponde ao nosso “dar zebra”, fato impossível pois a “zebra” não está sequer na lista dos bichos do “jogo do bicho”: da impossibilidade metafísica, a expressão passou para a “impossibilidade” probabilística.

Certamente, por vezes, as flexões verbais do português permitem perceber que se trata do “se” irrealizável ou utópico, como nos versos de Aaulfo Alves em “Mulata Assanhada”:

Ai, mulata *se* eu pudesse,
E *se* o meu dinheiro desse,
Eu te dava sem pensar,
Esta terra, este céu, este mar

Ai, meu Deus, que bom seria
Se voltasse a escravidão
Eu comprava esta mulata
E levava pro meu barracão

Mas, em outros casos, não é tão claro! Lembro-me de que, na minha infância, tropeçávamos em toda parte (até afixado em caixas de padaria) com o poema, hoje esquecido, “Se”, de Rudyard Kipling, que, na tradução de Guilherme de Almeida⁵, era nos apresentado como um ideal moral concreto (exigente, mas não necessariamente impossível).

Se

Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;
De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,

5. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91936.shtml> Acessado em 1-1-08.

Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar - sem que a isso só te atires,
De sonhar - sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais -tu serás um homem, ó meu filho!

O caráter confundente de nosso “se” (oscilando entre a possibilidade, a dúvida, a impossibilidade e até a certeza...) permitiu a paródia desse poema por José Paulo Paes, em:

“Kipling revisitado”⁶

se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
serás um teorema
meu filho

Para três grandes campos, de situações tão diversas, dispomos de um único “se”. Mas imaginemos que tivéssemos três (ou mais...) palavras totalmente distintas, para os três distintos níveis de “se”: impossibilidade, certeza e possibilidade. Como ficaria a tradução de um texto de uma língua que dispusesse de mais de um “se”?

Analisaremos algumas (poucas) características dos “se” árabes (que têm correspondentes no hebraico e no aramaico, falado por Jesus), se bem que o que nos importa é mais a idéia abstrata de poder separar três “se” (pelo menos), enquanto nossa língua nos convida a confundi-los num único caso.

6. *Um por todos (poesia reunida)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 97

“Law” árabe (semita), o “se” da impossibilidade

Começemos pelo *law*, o “se” das construções de impossibilidade (ou quase impossibilidade; do meramente hipotético, enfático, desiderativo, utópico, etc.). É o “se” das – para usar o gramatiquês – “construções contrafactuais”, tão apreciado pela filosofia dos caminhoneiros, que estampam em seus pára-choques, sentenças como:

Se chifre fosse flor, minha cabeça seria jardim.

Se casamento fosse estrada, eu andava no acostamento.

Se pinga fosse fortificante o brasileiro seria um gigante.

(Não buzine:) Se grito resolvesse, porco não morria.

E mesmo no Alcorão encontramos exemplo semelhante:

“Se o mar fosse tinta para registrar as palavras de meu Senhor, em verdade o mar exaurir-se-ia antes de se exaurirem as palavras de meu Senhor... (18, 109)”⁷.

Se tivéssemos um equivalente português (e o “se” do começo desta frase já é o “se” *law*, pois não temos esse “se” em nossa língua), atenuar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o/a cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois se ele/a engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “– É melhor comprar esta, pois se o

7. Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa, realizada por Helmi Nasr; com a colaboração da Liga Islâmica Mundial. Al-Madinah: Complexo do Rei Fahd, 2005.

senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc.)

Para casos como esses – na falta de um *law* que ajudaria a enfrentar os casos – a criatividade brasileira recorre a círculos e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... isto **não** vai acontecer, mas *vai que* o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da idéia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Um uso interessante de *law* é com *wa* (e) na expressão *wa law*, que significa: mesmo se (se de impossibilidade). Ao lado do Alcorão, a tradição muçulmana recolhe os *hadith*, os ditos do Profeta Muhammad. Um famoso hadith diz:

“Buscai o conhecimento mesmo se ele estiver na China”

(*’Utlub al ‘ilma wa law fis-Sin*) o que, traduzindo para as distâncias de hoje, soaria quase como: “Buscai o conhecimento mesmo que ele esteja em Marte”.

E nos provérbios árabes⁸, encontramos:

8. O sinal # indica o número do provérbio extraído das coletâneas: de Freyha, Anis *A Dictionnary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, Feghali, Michel *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 e Jasim Reyadh Mahdi *El refranero iraquí – aspectos semánticos y socioculturales*, tese doutoral na Universidad de Granada, Granada, 2006.

Khara (excremento) é *khara* mesmo que atravesse o Eufrates (al-fara). O excremento não se purifica mesmo *se* atravessar o Eufrates (Feghali # 392). Rimado no original: *Al-khara khara wa law qata' nahr al-Fara*

Dê sua massa para o padeiro assar, mesmo *se* (*wa law*) ele roubar metade (Freyha # 243). O sentido é: em qualquer caso, melhor do que a improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional.

A dívida é um peso bravo, mesmo que (*wa law*) seja de um centavo (Jasim # 292)

O cão é cão, mesmo que revestido de ouro (Jasim # 767)

Outros provérbios com variações no uso de *law*:

Nem que apareça o Mahdi (Jasim, p. 67. *Law yazhar Al-Mahdi*, no sentido de “em nenhum caso, “nem que a vaca tussa”. Os xiitas acreditam que Muhammad al-Mahdi – o décimo segundo *imam*, falecido em 874 – encontra-se oculto e que regressará no fim do mundo).

Se a vinha estivesse protegida de seus próprios guardas, produziria toneladas (Feghali # 2124).

E no Alcorão encontramos 80 vezes o *law*, como por exemplo, quando os condenados, que chegam ao fogo eterno, dizem: “Ah, se pudéssemos voltar, não teríamos seguido os ímpios” (2, 167). Ou se tivessem tudo o que há na terra e mais outro tanto, para, com isso, se resgatarem do castigo do Dia da Ressurreição, nada disso lhes seria aceito... (5, 36). Ou quando os incrédulos dizem: “És louco, Muhammad..., *se* é verdade o que dizes, fazê descê os anjos...” (15, 7).

Também certamente foi no *law* de sua língua materna que o Apóstolo Paulo pensou seu famoso hino ao amor: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor...” (I Cor 13, 1).

E se alguém estiver sem pecado, que atire a primeira pedra...

O “se”-*idha*

Para o “se”-*idha*, começemos com uma observação do criterioso estudo de Kadi, *Hatta Idha in the Qur’an...*⁹. Em seu uso como “se”, Kadi observa que a unanimidade dos gramáticos consideram *idha* como palavra que *contém* um sentido condicional, mas que *não* é uma partícula de condição, em sentido próprio (ao contrário de *in* ou outras). Assim se eu digo:

In ta’ tini (jussivo) *atika* (jussivo)

Se você vier me visitar, eu te visitarei

(é bem possível que você não venha me visitar e, nesse caso, também eu não te visitarei)

Mas com *idha*, o “se” é um se/quando, que expressa uma certeza:

Idha ataytani (indicativo) *atika* (indicativo)

Se (=quando) você me visitar, eu te visitarei

9. Kadi, Samar Afif *Hatta Idha in the Qur’an: a linguistic study*, tese de doutoramento, Columbia University, 1994.

(É certo que você virá me visitar e, então, eu também te visitarei)

O fato em si é certo; é só questão de saber quando ocorrerá. Ou para usar o exemplo de Sibawayh, o patriarca da gramática no fim do século VIII, diz-se com *idha*:

Atika idha ihmarra al-busru

Eu te visitarei quando as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

Mas não se pode dizer com *in* (ou outros “se” condicionais):

Atika in ihmarra al-busru

Eu te visitarei se as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

(Não cabe um condicional, porque é certo que vão amadurecer¹⁰.)

Dichy, em conferência de 2007, sobre o condicional árabe, explica que *idha* refere-se a processo realizável, que deve ser realizado e situado em momento incerto no futuro. Emprega-se *idha* para casos como o da repetição do hábito ou o enunciado (“Se...”) de uma lei científica:

“Se ele vier (sempre que veio) a Mosul, ele nos visitará” (hábito)

Kana, *idha* ‘ata l-mawsila yazuruna

Ou, no exemplo de al-Gazali:

10. Cf. tb: Giolfo, Manuela E. B. “Le Strutture condizionali dell’arabo classico” *Kervan*, Univ. di Torino, No. 2, luglio 2005, p. 58.

Se todo A é B (alif, ba), então algum B é A¹¹.

Como o “se”-*idha* funciona como um “se” de certeza, é frequentemente traduzido por “quando”, no sentido de “sempre que”. Por exemplo, na tradução do Alcorão do Prof. Nasr encontramos para *idha*: “Àqueles que, *quando* uma desgraça os alcança dizem: ‘Somos de Allah...’” (2, 156); “É-vos prescrito, *quando* a morte se apresentar a um de vós, fazer testamento...” (2, 180); “...atendo a súplica do suplicante, *quando* me suplica...” (2, 186); “...(Allah) *quando* decreta algo, apenas diz-lhe: ‘Sê’, então, é” (3, 47); “E que *quando* cometem obscenidade (...) lembram-se de Allah e imploram perdão...” (4, 135).

Na famosa sentença evangélica, concorrem *idha* e *in*: “Se (*idha*) teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o a sós, se (*in*) ele te escutar...” Mt (18,15). É certo que algum irmão pecará contra mim; é duvidoso que ele aceite a repreensão...

O Evangelho revisitado

Nem é necessário dizer que o brevíssimo resumo feito até aqui está longe de qualquer outra pretensão que a de meramente sugerir um exercício de leitura do Evangelho, tendo em conta diversas possibilidades de “se”, simplificadaamente: o da possibilidade, o da certeza e o da impossibilidade.

11. Dichy, Joseph *Si, comme si, même si, Ah! Si et si non: conditionnelles et référentiels discursifs en arabe*, <http://www.concours-arabe.paris4.sorbonne.fr/cours/Dichy-26-03-2007.pdf>, 2.2 b e c, acesso em 5-01-08

Nesse sentido, é um fato interessante que distintas edições árabes do Evangelho nem sempre coincidem em utilizar o mesmo “se” (*law*, *idha* ou os da família do *in*) e, em qualquer caso, é interessante atentarmos para o caso que Jesus teria empregado em cada situação.

Consideremos algumas passagens do Evangelho, em que figura o “se” em nossas Bíblias (e que são efetivamente postas como “se” na *Bíblia de Jerusalén*¹²) e vejamos como as traduziríamos, se quisermos recuperar o original aramaico, realmente proferido por Jesus e pelos personagens evangélicos. Naturalmente, trata-se de um exercício de ficção exegética: não dispomos de transcrição literal, de fita gravada, dos discursos recolhidos pelos evangelistas.

Comecemos pelos mais óbvios:

- 1. O “se” de possibilidade real** – é o mais freqüente e o primeiro em que pensamos. Baste um exemplo: em Mt (28,14), quando os sumos sacerdotes e os anciãos subornam os guardas do sepulcro de Cristo, para que digam que os discípulos roubaram Seu corpo: “Se a coisa chegar aos ouvidos do procurador, nós o convenceremos e evitaremos complicações para vocês”.
- 2. O “se” de certeza.** Em diversas formulações, parece claro que Jesus (ou outros falantes) usam o “se” de certeza (em árabe: *idha*):

12. Bíblia de Jerusalén em hipertexto: *Debora-Microbible*, CIB (Maredsous, 1990) programa FindIT, Marpex, Ontario, 1992

Quem de vós, tendo uma ovelha, se ela cai em um buraco num sábado não a tira? (Mt 12,11).

Se o homem encontra a ovelha perdida tem alegria por ela... (Mt 18, 13)

Se algum lugar não vos recebe, ide embora. (Mc 6, 11)

Se morre o irmão de alguém... que seu irmão tome a mulher... (Mc 12, 19)

Se um cego guiar outro cego, ambos cairão no abismo (Mt 15, 14)

Em todos esses casos, o “se” pode ser substituído por “quando”: certamente, ovelhas que caem são retiradas; ovelhas encontradas produzem alegria; sempre haverá lugares que não receberão os apóstolos; infalivelmente irmãos morrerão; e é certo que cego mal guiado cai.

3. O “se”-law. Há também passagens nas quais, claramente, trata-se do “se”-law:

Se o dono da casa soubesse a que hora da noite virá o ladrão... (Mt 24, 43)

Virão falsos cristos capazes de enganar, se fosse possível, os próprios eleitos (Mt 24, 24)

Jerusalém, se também tu conhecesses neste dia a mensagem de paz! Mas agora ficou oculta a tesus olhos Lc 19, 42

Um outro episódio. Em Lc 7, 35 e ss., um fariseu roga a Jesus que vá comer em sua casa. Durante a refeição irrompe na sala uma mulher, “pecadora pública”, com um vaso de perfume e, chorando,

põe-se aos pés de Jesus, lava-lhe os pés, unge-os com o perfume e seca-os com seus cabelos etc. O fariseu, escandalizado, dizia em seu interior: “Se este homem fosse profeta, saberia que esta mulher é pecadora...”. Claro que se trata aqui do *law*, o fariseu acaba de se convencer de que Jesus é uma fraude e o que ele pensa é “Este homem não é profeta...”

4. De que “se” estamos falando? Nem sempre é totalmente claro qual “se” terá sido o da cena evangélica e, às vezes, pode ser um exercício interessante tentar mudar de “se”:

a) O “se” do tentador. Antes de iniciar sua vida pública, Jesus vai ao deserto e é tentado pelo diabo (Mt 4,3 e ss.; Lc 4, 3 e ss.). Este Lhe diz: “Se és o Filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão”. Estamos habituados a ler este “se” como dubitativo (“será que Ele é?”), mas poderíamos pensar também em *idha*: “Já que és o Filho de Deus, diz a estas pedras...”

b) o “se” dos zombadores. Cristo na cruz ouve várias provocações: “Se és o Filho de Deus desce da Cruz” (Mt 27, 40); “Que Deus o salve agora, se é que o ama...” (Mt 27, 43); “Vamos ver se Elias vem para salvá-lo” (Mt 27, 49). Certamente, os zombadores não acham que Jesus seja filho de Deus ou que Elias virá para salvá-lo: cabe perfeitamente o *law* de impossibilidade.

c) o “se” do pai aflito. Mc 9, 14 e ss. Jesus desce do monte da transfiguração, com Pedro, Tiago e João, e encontra uma confusão de muita gente discutindo com os outros

apóstolos. E é que um homem tinha trazido seu filho, que tinha um espírito mudo (que o lançava ao chão, ao fogo e à água e o fazia espumar, ranger os dentes etc.) e os apóstolos, apesar de tentarem, não tinham conseguido expulsá-lo. O pai diz a Jesus: “Tu, se podes algo, ajuda-nos!”. Terá sido o “se” da possibilidade ou o *law* de quem já está desiludido? Jesus responde: “Como, se podes!?!...” E o pai: “Creio, mas ajuda minha pouca fé!”.

d) o “se” do horto – “Pai, se este cálice pode passar sem que eu o beba...” (Mt 26, 42)

O Samaritano e Zaqueu

O “se” da parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37)

²⁹Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» ³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro,

dizendo: ‘Trata bem dele e, se gastares mais, pagar-to-ei quando voltar.’³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

“Qual dos três parece ter sido o próximo...?” Quem são esses três? Essa parábola parece, à primeira vista, hoje¹³, mal interpretada, a começar pela consideração do trio “Sacerdote-Levita-Samaritano” (o sacerdote e o levita nem têm condições de se candidatar seriamente a “próximo”).

Na leitura usual, o estalajadeiro – um heróico e grandioso personagem – não é sequer considerado. O empenho e o sacrifício do estalajadeiro começam a se evidenciar quando consideramos que o que ele recebeu – dois denários – nem de longe cobre as suas despesas. O “se” do samaritano (“se gastares mais”) é o “se”-*idha*: “com certeza gastarás muito mais...”. Pois um denário era muito pouco: o pagamento de uma jornada de trabalho de peão, o que o dono da vinha, na parábola dos trabalhadores (Mt 20, 1 e ss.) paga a seus jornaleiros: se quisermos arriscar uma equivalência atual, alguma coisa entre cinco e dez dólares... O samaritano gasta 15 dólares para pagar duas diárias na estalagem mais a hospedagem e cuidados (por muitos dias, o homem estava semimorto...) especiais para aquele homem.

13. Seja como for, na interpretação de muitos Padres, Cristo é o samaritano (Agostinho En. In Ps. 124, 15; Cesário de Arles, *Sermones* 161, 2; Isidoro, *Allegoriae quaedam...* Ex NT 205 etc.); e o estalajadeiro é o Apóstolo Paulo (Agostinho, *ibidem*; Cesário, *ibidem*); ou os bispos (Arnóbio) etc.

Além do mais, um estalajadeiro é vítima fácil de calotes (um hóspede pode sair sem pagar...), contra os quais não tinha defesa, exceto a de cobrar adiantado e nunca aceitar fiado (qual hotel aceitaria essa conversa de: “na volta eu pago”?). Mais do que o samaritano, quem usou de misericórdia foi o bom estalajadeiro. A pergunta de Cristo: “Qual destes três...?”, da qual implicitamente (e sem razão) tende-se a excluir o estalajadeiro, pode muito bem incluí-lo.

E quem seria o terceiro entre os três candidatos a próximo daquele pobre homem? Há na narrativa de Cristo um elemento intrigante: por que os assaltantes deixaram a vítima com vida? O lógico em um assalto como o da parábola seria que os salteadores matassem a vítima para afastar de vez a possibilidade de futuro reconhecimento, vingança etc. A única explicação possível para o terem deixado com vida (e talvez seja isto que Jesus queira sutilmente sugerir) é que – semelhantemente ao que aconteceu na história de José do Egito e outros casos conhecidos – um dos assaltantes, movido pela misericórdia, tenha intercedido pela vida daquele homem. Nesse caso, o grande herói da parábola passaria a ser esse “bom assaltante”, que se indispõe com os colegas, além de correr os maiores riscos: o samaritano sacrifica um pouco de tempo e dinheiro; o estalajadeiro sacrifica muito mais tempo e dinheiro (ao menos em termos de risco); o “bom Assaltante”, por usar de misericórdia, arrisca a segurança e a vida, expondo-se (e a todo o bando) a um futuro acerto de contas com a vítima... Conjecturas sobre o enredo de uma parábola, sim, mas, em todo caso, o trio Samaritano-Estalajadeiro-”Bom Assaltante” parece mais plausível do que o do senso comum, que, incrivelmente, inclui o sacerdote e o levita...

O “se” de Zaqueu (Lc 19 1,10)

¹E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. ²Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. ³Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. ⁴Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. ⁵Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’. ⁶Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. ⁷À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’ ⁸Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. ⁹Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. ¹⁰Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

Se o estalajadeiro é omitido, Zaqueu é injustiçado, nem lhe é dado o benefício da dúvida: seu: “Se defraudei a alguém...” é entendido como “se” de certeza: “Se defraudei a alguém (o que, é claro, aconteceu muitas vezes...)”. E, sendo Zaqueu rico e chefe de publicanos – judeus encarregados pelos romanos da odiosa tarefa de coletar impostos e taxas..., na realização da qual, não raramente, extorquiam para si mesmos – ele é suspeito mais do que natural de corrupção e, quando Jesus vai à sua casa, começa a murmuração: “Ele está na casa de um pecador!”.

Mas, vejamos se, afinal de contas, Zaqueu era corrupto: suponhamos, só para efeito de cálculo, que seu patrimônio fosse de 600.000: ele, dando metade para os pobres, fica com 300.000 e,

mesmo que tivesse se apropriado indevidamente de algo de alguém, esse “esquema” não lhe teria rendido mais do que 75000 (para restituir o quádruplo - ficando a zero!). Ou seja: na pior das hipóteses, Zaqueu dispunha de 525.000 ganhos honestamente e só 1/8 de seu patrimônio poderia ter sido obtido por meios escusos...

Certamente, os intérpretes costumam apontar Lc 19, 8 como um condicional de 1ª. classe, que expressa uma certeza, e, nessa clave, Zaqueu deveria ser lido assim: “Se defraudei a alguém, e isto realmente aconteceu...”. Mas, um exegeta como James L. Boyer, analisando esse e todos os versículos do condicional de 1ª. classe do Novo Testamento, conclui:

Uma sentença condicional de 1ª. classe no Novo Testamento significa o mesmo que a simples condição na língua inglesa: “se isso... então aquilo”. Ela não implica absolutamente nada em relação à realidade.¹⁴

Ou seja, o “se” de Zaqueu pode significar: “Se defraudei a alguém, o que nunca aconteceu...”, como um desafio público a seus detratores. E Jesus faz questão de entrar em sua casa para lavar a honra, injustamente manchada (?), desse homem.

Conjecturas, meras sugestões de leitura que, se não puderem ser comprovadas, pelo menos chamam nossa atenção para a distinção semita, em um caso no qual nós somos convidados a confundir.

14. Boyer, James L. “First class conditions: what do they mean?” *Grace Theological Journal*, Grace Theological Seminary, Winona Lake, USA, Vol 2. 1 (1981), p. 82.

Uma das grandes dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira (e também da materna), sobretudo no escrever e falar, reside no fato de que há sintagmas, associações de palavras – em alguns casos, autênticos clichês – formas concretas de expressão – mais ou menos fixas do ponto de vista da correção ou da estética – que multiplicam a necessidade de memorização, desnecessária se trabalhássemos só com a uniformidade (e pobreza...) do caso geral.

Assim, por exemplo, o geral “unidade” dá lugar a mil ocorrências distintas quando se desce ao concreto: nos casos concretos falamos em “cabeças” de gado, “pés” de alface, “partidas” de futebol, “peças de teatro” etc. e não cabe empregar: “unidades de gado”, “unidades de alface”, “unidades de futebol”, “unidades de teatro” etc., embora do ponto de vista do significado, “cabeças”, “pés”, “partidas” e “peças”, no caso, signifiquem, precisamente, “unidades”.

Naturalmente, cada língua tem suas formas de associação nessas composições e, por exemplo, enquanto nós fazemos um cheque ou compomos uma canção, o inglês “escreve” (*write*) um cheque e “escreve” uma canção. Mesmo que seja para sempre (e até antes da lei do divórcio) em Espanha, se uma pessoa é casada, diz-se “*está*

casada” (sem nenhuma alusão de provisoriedade) e o francês usa o *faire* até no sentido de “dizer”. “*Preste atenção*” tem seus correspondentes em “*Fait Attention*”, “*Pay attention*”, “*Estate atento*”...

O fenômeno é muito mais extenso do que à primeira vista supomos e para, de algum modo, verificar isto, felizmente, o estudioso de hoje dispõe de um sensor de uso de tal ou qual expressão: o Google (ou alguma outra ferramenta de busca na Internet). Quando lançamos uma seqüência de palavras no box de busca “a expressão” – apesar de todas as imprecisões e distorções – o Google, ao indicar em quantos sites da rede aquela seqüência de palavras aparece, já nos dá uma boa idéia da vigência e atualidade de seu uso. Por exemplo, procurando no Google a expressão “usar leque” encontramos exíguas 19 ocorrências (claro, as novas gerações nunca viram um leque), enquanto “ligar o ar condicionado” tem 41.200; a tal da “unidades de gado” tem 12 ocorrências, enquanto “cabeças de gado” tem 139.000 (139.000: a partir de agora, abreviaremos as ocorrências do Google pelo número entre parênteses). Os acessos deste artigo são dos últimos dias de julho e primeiros de agosto de 2008.

Procurando avaliar, dizíamos, a extensão do fenômeno do desdobramento concreto, tomemos o unitário abstrato: “pouco”, para quantidade ou intensidade (em algumas expressões, esses desdobramentos serão preferentemente negativos, como, por exemplo: “ele não tem um *pingo* de vergonha na cara”). Para começar, consideremos o caso de uma dúvida, idéia ou lembrança pouco intensas. Neste caso, falaremos de “*sombra* de dúvida” (222.000), “*pálida* idéia” (14.200) e “*vaga* lembrança” (26.200).

Certamente, todos entenderiam se eu dissesse “*pálida* lembran-

ça”, “pálida dúvida” ou “sombra de lembrança” (1.170 , 44 e 10 respectivamente), mas o uso recomenda as formas do parágrafo anterior; cabem também “vaga idéia (50.900) e, no caso de “noção”, “vaga noção” (8,420) e “leve noção” (4230). Só a título de curiosidade, o recente “sem noção” quebra todos os recordes, beirando o um milhão (923.000).

Ainda no mesmo exemplo, se a inveja vem em “ponta” (ou pontinha); o ciúme dá-se em pitada; a ingenuidade, em doses; a vergonha na cara, em pingos etc. Temos:

“leve impressão” (34.000),

“toque de classe” (44.400),

“leve suspeita” (4.470),

“ponta de inveja” (24.900),

“pitada de ciúme” (1.010),

“traço de tristeza” (2.750),

“dose de ingenuidade” (2.660, geralmente antecedida de “grande”),

“pingo de vergonha” (48.200),

“resto de esperança” (9.990)

“pinta de palhaço” (3.060, ajudado pela antiga canção “Palhaçada”),

“Pouco” para prosa é “um dedo”; para cachaça, “dois dedos”; para guloseimas, temos um “teco”; já a pouca visibilidade, dá-se em “palmo”: “dedo de prosa” (130.000); “dois dedos de...” (768.000); “um teco de” (11.200); “um palmo adiante do nariz” (2.020). E “fio de voz” (25.000); “gostinho de infância” (3.900); “gole de álcool” (29.900, ajudado pela recente “lei seca”), “pingo de gente” (108.000), “bocadinho de sorte” (24.900, mais em Portugal), “pedaço de mau caminho” (18.900)...

Quanto à pouca duração, encontramos: “assomo de coragem” (584), “acesso de fúria” (19.600), “rompante de raiva” (72), “momento de indecisão” (3,270).

Poucos recursos são “escassos recursos” (40.300), a pouca diferença é “sutil diferença” (69.700), e encontramos pouca densidade no “café ralo” (2.470). Para pouca distância, temos: “beirando o desespero” (1.290); chegando “às raias da loucura” (4.690) – curiosamente, mais freqüente do que “beirando a loucura” (850) e esta menos usada do que “beirando a insanidade” (1.030)...

Outro dado interessante diz respeito aos equivalentes do geral “pouco”, como o brasileiríssimo “meio”: aquele supera este em expressões como “um pouco chateado” (43.100) contra “meio chateado” (20.600); mas “meio” ganha de “um pouco” em:

“um pouco sem graça” (26.600) X “meio sem graça” (250.000)

“um pouco louco” (35.200) X “meio louco” (59.900)

“um pouco chato” (39.300) X “meio chato” (121.000)

“um pouco desconfiado” (6.900), “meio desconfiado” (30.900)

“um pouco puto” (576) X “meio puto” (14.200)

“um pouco besta” (1.140) X “meio besta” (25.700)

“um pouco viado” (29) X “meio viado” (14.600)

“um pouco desanimado (21.400) X “meio desanimado” (29.300); já no “aumentativo”:

“um pouco desanimadão (0) X “meio desanimadão” (45); talvez pelo fato de “pouco” bater de frente com o aumentativo... Daí que também:

“um pouco esquisitão” (6) X “meio esquisitão” (947)

“um pouco ressabiado (890) X “meio ressabiado” (5730)

“um pouco assim, assim” (34) X “meio assim assim” (1980)

E, em geral, a expressão “ficando meio” emprega-se o dobro de vezes do que “ficando um pouco”: 64.300 X 37.300. Já a equivalente, menos usada, “ficando um tanto” ocorre 5.410 vezes. Temos “um tanto estranho” (69.200) X “meio estranho” (345.000) X “um pouco estranho” (99.800) (há também a opção “um tanto quanto”, não desprezível em expressões como “um tanto quanto estranho” (21.200); “um tanto quanto esquisito” (2.640).

Dois outros sinônimos de “pouco” têm um comportamento muito curioso: “bocado” e “punhado”.

Diz o Aurélio:

Bocado – Pequena quantidade de qualquer coisa.

Punhado – Pequena porção; número reduzido

Já o Houaiss adverte para o ambíguo caráter de “punhado”:

Bocado – fração de uma coisa; pedaço, porção

Punhado – quantidade pequena (de algo)... ou quantidade grande (de algo)!!!

O fato é que “bocado” e “punhado” podem servir tanto para indicar “pouco” como “muito”: fato que não deve surpreender num país em que o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno que “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caídnha por ele” (ou “caidaça”!).

Para “punhado”, recolho os exemplos de Houaiss: quantidade pequena: “um punhado de soldados lutou contra os insurretos”. E para “bocado” no sentido de “grande quantidade”, basta lembrar de “O pequeno burguês” de Martinho da Vila:

E quem quiser ser como eu,
Vai ter que penar um bocado

Por detrás da rotina e dos clichês, essa imensa variedade de formas é, afinal, a riqueza da língua e de sua capacidade expressiva. Já Orwell advertia, em seu *1984*, que a Novilíngua, principal instrumento a serviço da opressão, tinha como missão diminuir o âmbito do pensamento e reduzir ao mínimo as possibilidades de escolha das palavras. E, de fato, a cada ano o vocabulário diminuía, o que era considerado um avanço, pois quanto menos possibilidade de escolha, menor a tentação de produzir pensamento...

Nem sempre atinamos com as razões – se é que sempre as há – para o uso desta ou daquela palavra nas expressões; o fato é que empregamos “margem de lucro” e “margem de erro”, e se a frequência de uso de “faixa de incerteza” e “faixa de confiança” é praticamente a mesma dos correspondentes “margem de incerteza” e “margem de confiança”, não se pode dizer: “não deixa faixa para dúvidas”, porque o uso impõe: “não deixa margem a dúvidas”. E embora se trate claramente de margem/faixa, na tabela de classificação do campeonato brasileiro, a única expressão legitimada pelo uso é “zona de rebaixamento”.

Se a avaliação do carro tem *itens*; a da escola de samba tem *quesitos*. Como faz o pobre do estrangeiro para adivinhar? Sem *sombra* de dúvida (como vimos, a dúvida tem sombra!) ele acabará por *cair* no ridículo (e mais essa: no ridículo... se cai!) e está *coberto* de razão quem *levante* a suspeita de que ele ficará *mergulhado* na incerteza e *envolto* em dúvidas.

Cabe lembrar que essas formas associativas podem mudar com o tempo, com a moda: já que estamos falando em “dúvida”, cada vez mais cai no esquecimento a antiga expressão “dúvida atroz” (ainda com 9040), substituída, hoje, sobretudo por “dúvida cruel” (281.000) e não se diz, digamos, “dúvida amarga” (34) ou “dúvida dolorida” (8), formas que podem vir a prevalecer no futuro.

Se as razões dessas escolhas nem sempre são claras, em alguns casos podemos identificá-las. Algumas procedem de frases famosas de políticos, futebolistas, personagens de telenovelas..., que criam (ou revitalizam) expressões como: “eu sou mais eu”, “é o cara”, “com tudo a que tem direito”, “muita calma nessa hora” etc. Outras são frases de peças literárias, partes de antigos provérbios ou piadas. A maior parte dos usuários da famosíssima “cara-pálida” (150.000) – “nós, quem, cara-pálida?” –, ignora a origem dessa expressão, usada por A para abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B. Mais fácil é contar a piada: no início dos anos 60, a TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro (não deve ser confundido com o autêntico Zorro, o da capa e espada), um *ranger* sempre acompanhado do fiel índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “– Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto, faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “– Nós, quem, cara-pálida?”. Também é uma piada a raiz última de “amigo da onça” (45.000).

Outras fontes: provérbios, literatura, canções, publicidade... Basta alguém sumido aparecer e logo surgem os indefectíveis “o bom

filho à casa torna” (132.000) e “longo e tenebroso inverno” (86.100); este, oriundo de uma ironia de bancos dos antigos ginásio e “normal”, quando as bisavós do jovem leitor decoravam o decimonônico soneto *A visita à casa paterna* de Luís Guimarães Jr.: “Como a ave que volta ao ninho antigo / Depois de um longo e tenebroso inverno / Eu quis também rever o lar paterno / O meu primeiro e virginal abrigo”. E ao ser apresentada a pobre senhora de nome Amélia, fatalmente terá de ouvir de algum engraçadinho: “Ah, Amélia, você é que é a mulher de verdade?”, da antiga canção de Ataulfo Alves.

Clichês à parte, a diversidade de possibilidades de combinações, de escolha (Orwell) de expressões reflete a riqueza da língua (e, portanto, do pensamento) e permite comunicar de modo mais abrangente a complexa realidade. Pense-se, por exemplo nas sutilíssimas formas de um narrador de futebol relatar o lance do pênalti. Entre os categóricos: “Fulano foi derrubado na área: é pênalti!” e “Fulano se jogou: não houve nada!”, há toda uma gama que permite expressar dúvidas sem arriscar-se a ser processado pelo juiz ou por um dos times. Por exemplo, “o juiz marcou pênalti”, “deu pênalti” ou “viu pênalti” são diferentes: o primeiro caso parece mais neutro, não entrando no mérito; o segundo, parece indicar que o juiz, de boa vontade, acabou interpretando que aquele lance que tinha aspecto de faltoso, de fato o era; no terceiro, o pênalti foi duvidoso ou inexistente, mas o juiz (e só ele) viu pênalti ou, quem sabe, a visibilidade privilegiada da posição do juiz permitiu-lhe ver o pênalti que eu não vi. Aí dependerá também do tom de voz e dos comentários contextualizantes.

Diferenças na linguagem, sutilezas naturais, imprecisas e misteriosas. Se, pelo contrário, chegarmos à precisão artificial e à

estreiteza da Novilíngua, ser-nos-á, como em *1984*, literalmente impensável um pensamento dissidente ou divergente em relação ao absoluto do Poder, qualquer que ele seja – “pelo menos – conclui Orwell – na medida em que o pensamento depende das palavras”...

A danada da partícula “de”

(v. 73, p. 43-43, nov. 2011)

O dicionário Aurélio, antes de indicar as dezenas de usos da partícula “de” em nossa língua, previne-se dizendo no início do verbete: “Preposição. Partícula de larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes...”.

Um desses inúmeros outros casos, existente com variações em diversas línguas, e que têm despertado ultimamente a discussão dos pesquisadores, é o do QBNP (*Qualitative Binominal Noun Phrases*). O professor Melvin González Rivera, do The College of Wooster, ao resumir suas pesquisas para o caso do QBNP espanhol, toma como exemplo as sentenças: “o idiota do diretor” (el idiota del decano / the idiot of the dean) e “um idiota de um diretor” (un idiota de decano / an idiot of a dean), que podem ser parafraseadas por o “diretor é um idiota” e “um idiota como diretor”. E observa que as QBNP envolvem uma relação sujeito-predicado; a preposição “de”, no caso, não é uma verdadeira preposição, mas uma cópula nominal e que o predicado deve ser valorativo/apreciativo e é tipicamente negativo.

Afastamo-nos, assim, dos usos mais habituais de “de” preposição, especialmente o de relação possessiva. Lembro, a propósito, que já na infância uma de nossas brincadeiras familiares favoritas era a

de as crianças sentarem no chão e começarem a interrogar os adultos, sobre os parentes não presentes:

– E a tia Ivete, como é que está?

– Ela está bem, crianças.

– E o tio José, como é que está?

– Ele está bem, crianças.

(...)

Esgotada a lista de parentes na ladainha, a criançada derivava para animais domésticos:

– E o gato da tia Helena, como é que está?

– Está bem, crianças. (já afetando enfado, o que fazia parte da brincadeira)

E aí a pergunta final (acompanhada de maliciosas risadas das crianças), o alvo, afinal, de toda a brincadeira:

– E o cachorro do tio Mário, como é que está?

E a mãe, com fingido tom de repreensão e mal contendo as risadas, intervinha “energicamente”:

– Crianças! Olhem o respeito! Já cansei de falar que não é assim que se pergunta, mas: “o cachorro **que pertence** ao seu tio Mário...”

Naturalmente, até as crianças menores bem sabiam que não é que a sogra possuísse uma jararaca ou que o juiz de futebol fosse dono (ou amante...) de um viado (“o viado do juiz”) ou que tivesse comprado para si um “filha da p.”, mas ficavam intrigadas com essas locuções, pelas razões desse uso, já não questionadas pelos adultos.

Como sempre, o OED, *Oxford English Dictionary*, vem para nos auxiliar, contemplando nosso caso no sentido 24b. de “of”, indicando simplesmente: “*in the sense ‘in the form of’*”. E é que desde

Aristóteles, passando pela escolástica aristotélica e suas formas substanciais e acidentais, a forma entra na composição do ente como a responsável pelo distintivo, pelo modo de ser, pelas determinações (substanciais ou acidentais) do ente; enquanto seu co-princípio nessa composição, a matéria, é comum e indiferenciada. Desse modo, o cachorro é cachorro pela forma (: a alma de cachorro, que in-forma seu ser, fazendo com que o cachorro seja e aja como cachorro) e é marrom pela forma (a qualidade, o acidente, a forma marrom). Assim modo, quando as características de ser idiota (imbecil, sacana etc.) manifestam-se no chefe, já rotulamos “O idiota do chefe” (as qualidades de idiota in-formam, estruturam meu chefe). E quando se diz que Danilo Gentili é “um capeta *em forma* de guri” diz-se simplesmente que é “um diabinho de menino” (nada a ver com “possesões”, mas simplesmente com as diabruras de um moleque na canção que – na versão brasileira dos anos 60 – tinha esse título).

Seja como for, no subconsciente do falante, fica sempre a referência ao genitivo e se o Palhares é um canalha (o canalha do Palhares) eu, dirigindo-me diretamente a ele, vou repreendê-lo dizendo: Palhares, **seu** canalha...

O uso dessas QBNP, como apontava González é tipicamente negativo e, em outro estudo, o mesmo professor escolhe o exemplo perfeito: el gilipollas de alcalde / the asshole of mayor (o sacana do prefeito). Aliás, “o sacana do...” (“el cabrón de...”, em espanhol) está entre as formas mais usadas de QBNP. Claro que, em geral, essas insultuosas locuções dão-se na ausência do ofendido: os alunos, os subordinados, os genros etc. comentam reservadamente entre si as “formas” que o professor, o chefe e a sogra assumem.

Se a partícula “de” pode ser empregada como “que é” (o idiota que é o chefe), em outros casos, pode ser usada no sentido de “que está” – como no bordão de Renato Aragão “Ô, da poltrona” (você, que está na poltrona); ou no de “que tem” (“um tenista de futuro”, que tem futuro).

Assumir “forma de”, como indica o OED, ocorre também em outros tipos de locuções com a partícula “de”, como por exemplo: “Ele se faz de vítima” (de bobo, de surdo, de santo etc.) (o espanhol, nestes casos, até dispensa o “de”, identificando a pessoa com a postiça atitude: *hacerse la víctima, el tonto, el sordo*). Identificação indicada também em outras formas: Paulinho da Viola, Jacob do Bandolim, Jackson do Pandeiro etc.

Tem razão o Aurélio ao renunciar à enumeração completa dos usos dessa ardilosa dessa partícula...

Coração, o girador

(revista *Metáfora*, v. 6, p. 42-45, abril 2012)

Q*alb*, coração, é na língua árabe, literalmente girador, o que dá voltas; *qalaba* é o verbo girar.

Uma primeira sugestão que nos ocorre com essa caracterização é a de que o homem, volúvel e inconstante em seu núcleo profundo, o coração, volta-se para cá e para lá, girando, oscilando ao sabor de caprichos e impulsos repentinos. Para nós, a giração é antes associada a disfunções e desvarios: *gira* é a pessoa adoidada, amalucada, volúvel: *biruta* (a biruta, como se sabe, é aquele pano cônico dos aeroportos, que gira ao sabor dos ventos).

Se a giração aponta para a anormalidade; na tradição semita isso não ocorre necessariamente: girar é, antes, a condição normal do centro radical da pessoa: o seu coração. A etimologia é tão conatural que nem é advertida pelo falante árabe, o que é confirmado por um proverbial verso que a relembra expressamente (tal como se lembrássemos o caráter de imposição do imposto e disséssemos, com Drummond, em português: o imposto chama-se imposto porque nos é imposto):

Wa ma sumya al-qalbu qalban illa liann yataqalabu...:

(o coração/girador foi chamado de girador/coração porque... ele gira) .

Na tradição muçulmana, Deus é o “girador (transformador) dos corações” (*muqallibu al-qulûb*), como diz o Alcorão: “...o dia em que os corações (*al-qulûb*) serão girados (*tataqallab*)” (24, 37; cfr. também 18, 18 etc.). E num *hadith*, um dito do Profeta, é mesmo um pão: “O coração está entre dois dedos do Misericordioso, que o faz girar como Ele quer”.

Daí que uma imagem da alma, clássica na mística muçulmana, é a roda de poço, que pela giração (*qalaba*, por extensão é também transmutação) reflete Deus e se transmuta nEle; imagem que reaparece na mística espanhola de São João da Cruz, com o evangélico “poço de águas vivas”...

E na tradição sufi encontramos derviches que buscavam o êxtase místico em dança giratória (hoje mais frequente como atração turística...)



O fato intrigante é que mesmo sem a associação imposta pela língua, como no árabe, nossos poetas, uma e outra vez, voltam-se para o caráter girador do coração. Assim, na *Autopsicografia*, depois de descrever incomparavelmente os vaivéns e reviravoltas a que está sujeito o poeta, Fernando Pessoa desfecha:

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração

E na *Roda Viva* de Chico Buarque:

Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

E numa surpreendente coincidência com a tradição árabe, diz a canção de Kleiton e Kledir:

Ah! Vira, virou
Meu coração navegador
Ah! Gira, girou
Essa galera

García Lorca escreveu todo um poema dedicado ao coração-girador. Já o título é sugestivo: “*Veleta*”, que significa não só cata-vento, mas, metaforicamente, “*persona inconstante y mudable*” (*Dicc. de la Real Academia*). O poeta, desolado, dialoga com os

ventos: todos chegaram tarde demais e a “veleta” deve, afinal, girar sem ventos...

Las cosas que se van no vuelven nunca,
todo el mundo lo sabe,
y entre el claro gentío de los vientos
es inútil quejarse.
¿Verdad, chopo, maestro de la brisa?
¡Es inútil quejarse!

Sin ningún viento
¡hazme caso!
gira, corazón;
gira, corazón.

E, em seu poema, “Otro Sueño”, o coração dá voltas, cheio de tédio, como num carrossel em que a morte brinca com seus filhinhos:

Hay floraciones de rocío
sobre mi sueño,
y mi corazón da vueltas
lleno de tedio,
como un tiovivo en que la Muerte
pasea a sus hijuelos

E de Neruda é o verso: “mi corazón da vueltas como un volante loco” (*Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, 11).

A poeta francesa Marie Mélisou, que também se refere (no poema “Désordre de pétales blancs”) ao girar do coração:

si mon coeur tourne

chaque instant pensées dansent
chega a considerar as palavras da poesia “sismógrafo do
coração”.

Felizmente, para além das disfunções e das loucas reviravoltas, o coração pode também dar as voltas certas e, como um giroscópio, pode até manter invariável o eixo da direção da vida, *voltar-se* para o bem ou para o mal... Na Bíblia, são freqüentes as expressões “dureza de coração”, “endurecer o coração”, para referir-se à opção firme pelo mal. E fala também do coração de Deus: em algumas passagens para, antropomorficamente, indicar mudança de Seus desígnios: “Pesou a Iahweh ter feito o homem sobre a terra e indignou-se em seu coração” (Gn 6, 6); em outras, para indicar determinação imutável, como quando, ante o holocausto oferecido por Noé, “Iahweh disse em seu coração: ‘Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem’” (Gn 8, 21). Também expressões bíblicas, como as de conversão do coração, voltar-se do coração etc., evocam o conceito de girador.

Um ponto importante na giração do coração é sua relação com o pensamento. E Cristo explicita essa ligação, quando ante o escândalo dos hipócritas diz: “Por que pensais mal em vossos corações?” (Mt 9, 4; Mc 2,6 e 2,8). Conexão que não escapou a Fernando Pessoa: (“gira a entreter a razão... o coração”).

A complexa conceituação e articulação de coração e razão foi abordada pelo Dalai Lama, no famoso debate sobre Jesus, o Seminário John Main de 1994. Falando precisamente da meditação sobre a compaixão de Jesus, diz que só podemos aprofundar nela unindo coração e pensamento: “A compaixão representa a emoção,

ou o coração, e a aplicação da meditação analítica pertence ao intelecto. Quando se chega a esse estágio de estado meditativo, onde a compaixão é refinada, assistimos a uma fusão especial do intelecto e do coração”.

Essas milenares tradições dos Orientes encontraram recentemente uma singela versão, na canção “Armadilha” (sucesso da dupla Mayck e Lyan), da consagrada compositora sertaneja Fátima Leão:

Coração gira no peito
Feito um moinho de vento
E uma lembrança pixota
Vira cambalhota no meu pensamento

Um olé! de Deus

(revista *Metáfora*, v. 10, p. 24-26, ago. 2012).

A publicidade de Tv que anunciou o novo programa da Band, “Deu Olé”, que estreou dia 16-06-12, sob o comando de Felipe Andreoli, Denilson e Paloma Tocci, cometeu um equívoco sobre a etimologia de “Olé”:

“Olé – esta palavra vem da expressão *Kalós*, os gregos a utilizavam em momentos de alegria...”.

Na verdade, “Olé!” vem do árabe e remete a Deus. E é que instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento quotidiano: “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta (Castro Alves, *Sub Tegmine Fagi*) e com ele – consciente ou inconscientemente – todos os artistas.

Daí que não chegue a surpreender que a etimologia da espanholíssima palavra *iOlé!*, seja, como dizíamos, um recurso a Deus. *iOlé!* – diz o *Diccionario de la Real Academia* – provém do árabe *Wa(a)llah* (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). E é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *iOlé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeo flamenco*” é – de algum modo misterioso, mas real – participação na criação, também ela artística, de Deus: *iOlééé!*

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc.

Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má, em qualquer situação invoca-se a Deus. Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão). E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!*, *Ya Allah!* *Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, ele estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza!

Na tradição ocidental, já Píndaro, em seu grandioso “Hino a Zeus”, revelara que o belo artístico, as musas, são o remédio que Zeus concedeu para o embotamento do homem, esquecido da origem divina do mundo e imerso em sua visão rotineira. Como nos inspirados versos de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Mas o processo artístico é de ida e volta: se Deus dá poesia ao artista para ver (e expressar em obra de arte) o “algo mais” até na pedra, quem contempla a beleza da obra de arte, que se expressa talvez a partir de uma pedra, reconhece Deus, o Criador, o Artista: *iOléééé!*

Não é de estranhar que o grito “*iolé!*”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. A cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que **não** era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam *iolé!*, como se estivessem numa tourada.

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrilenho em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no *Quixote* isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do *moro*:

Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad. (capítulo XLI)

A relação entre qualquer beleza deste mundo e Deus é a base da Filosofia da Arte de S. Tomás de Aquino, que, como todo o seu pensamento, repousa sobre um conceito fundamental: o de participação (*participatio*). Participar, em sentido transcendente, é **ter** em oposição a **ser**; participa, o que **tem** algo pelo contato com o que **é**. O metal, compara Tomás, **tem** calor na medida em que se aproxima, participa, do calor que **é** no fogo. A Criação é o ato no qual é dado o ser em participação. Portanto, tudo que é, é bom; participa do Bem. Nesse enquadramento, situa-se a sentença de Tomás que é a chave principal para sua Filosofia da Arte:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva (De Malo 5, 1 ad 5).

Daí também uma outra intuição da língua espanhola: ao provar algo muito gostoso, exclama-se: *¡Sabe a gloria!*, “tem gosto de céu”. Ora, no pensamento de Tomás, a contemplação – também a propiciada pela arte – é a forma mais profunda de “consecução de um bem criado”, prefiguração da Glória definitiva.

Tais considerações, que expressam o núcleo profundo de um pensamento filosófico, estão também ao alcance da intuição do conhecimento comum. Por isso, não chega a ser de todo surpreendente o depoimento, imensamente profundo, de Tom Jobim sobre

a criação artística, em uma entrevista, quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*:

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até **participar** dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

Assim, não é um mero belo (*Kalós*) o que o novo programa pretende celebrar, mas um belo tão intenso que convoca a divindade: que tenham muito êxito Andreoli, Denilson e – *¡Oléééé!* – Paloma Tocci.

(v. 100, p. 14-15, fev. 2014 – revisto e ampliado).

“**A**gora é trocar o chip e colocar o da Liga [dos Campeões]” declarou Neymar ao repórter da TV espanhola, após sua memorável atuação nos 6 a 1 sobre o Celtic em 11 de dezembro passado. O pobre repórter não entendeu essa e outras respostas, em português neymariano, mas com essa bela metáfora o craque expressava que era hora de esquecer o passado, os tropeços recentes no campeonato espanhol, e focar na *Champions League*.

Não podemos prever o futuro da expressão “trocar o chip” no uso figurado da linguagem: se daqui a 5, 10, 50 ou 300 anos continuará sendo empregada: algumas metáforas oriundas da tecnologia tornam-se obsoletas como as próprias realidades que as inspiraram: ninguém hoje apelidaria uma Rita de Cássio Coutinho de Rita Cadillac, alcunha, por sua vez, tomada do nome artístico de uma famosa vedete de filmes franceses da década de 60, quando o Cadillac era, para todos, imediata referência de *glamour* e outros atributos. Por outro lado, continuamos usando metáforas da época da Revolução Industrial, como quando dizemos que a campanha para a reeleição já começou e “a todo vapor”, etc.

Tecnológicas ou não, algumas expressões e frases feitas desaparecem rapidamente, outras duram milênios, como no caso de

tantas expressões bíblicas: bode expiatório, dois pesos e duas medidas etc. etc. etc.

Neste artigo recolheremos, mantendo a grafia original, expressões e provérbios apresentados em 1651 (claro que muito são de séculos anteriores) na obra de Antonio Delicado, *Adagios portu- guezes reduzidos a lugares communs*, e que ainda hoje são usados.

Expressões

Primeiramente, expressões que, passados 350 anos, ainda usamos, com sentido idêntico ou não, e que remontam, direta ou indiretamente, a uma formulação proverbial – mais ampla e contextualizante –, hoje esquecida.

A torto e a direito – “A torto e a direito, nossa casa até o tecto [teito]”.

É preciso acabar a obra, do jeito que for: a torto e a direito.

Abrir os olhos – “Os mortos aos vivos abrem os olhos”.

Ficar esperto, atento.

Alhos e bugalhos – “Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos”.

Cantar de galo – “Triste da casa onde a galinha canta e o gallo calla” e “Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o gallo”.

Casa da sogra – “Estende-se como villam em casa de seu sogro”.

O folgado que se espalha (“estende-se”) na casa da sogra.

Cheio de nove horas – “Às nove, deita-te e dorme”.

Durante muitos séculos, sem iluminação elétrica etc., seguia-se esse imperativo do provérbio, tornando a proximidade das nove um limite para qualquer atividade (a visita que diz: “devo ir, já são quase nove horas”)

Colcha de retalhos – “É falso, como manta de retalhos”.

Dar com a língua nos dentes – “Mente, quem dá com a língua no dente”.

Dar no pé – “Dar ao pé, que tempo é”.

De graça é caro – “Horta sem água, casa sem telhado, marido sem cuidado de graça é caro”.

Dois coelhos, uma cajadada – “Com este cajado mataste já outro coelho”.

Dor de cotovelo – “Dor de cotovello e dor de marido, ainda que doa, logo é esquecido”.

Dourar a pílula – “Se a pirola bem soubera, nam se dourara por fora”.

O verbo saber, ainda hoje em Portugal, é muito usado para o gosto: se a pílula tivesse gosto agradável...

Duro (sem dinheiro) – “Quem nam tem, mais duro é que as pedras”.

É fogo – “Filhos dous, ou tres é prazer, sete ou oito é fogo”.

Se hoje a taxa média de fecundidade no Brasil não chega a 2

filhos por mulher, naquela época era comum um alto índice de fecundidade (no Brasil, ainda na década de 60, esse índice era 6!)

E meio – “Ao ruim, ruim e meyo”.

É só papo – “Moço de quinze annos tem papo e nam tem mãos [para o trabalho]”.

Estar no papo – “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.

Galinha criar dentes – “Disso vos podeis despedir, como a galinha dos dentes”.

Ir com sede ao pote – “Nem com toda a fome ao cesto nem com toda a sede ao pote”.

Levantar a lebre – metáfora de caça, hoje significando trazer à luz o essencial escondido. Aparece em diversos provérbios, como: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata” ou “Levantas a lebre, pera que outrem medre [seja favorecido]”.

Morrer na praia – “Nadar, nadar, ir morrer à Beira”.

Não dar ponto sem nó – “Dá nó, nam perderás ponto”.

O barato sai caro – “O caro é barato e o barato é caro”.

Outros baratos – “Nam jogo aos dados, mas faço outros peiores baratos”.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo explica: “‘barato’ se toma em mui diversas significações em os nossos antigos documentos do século XV e XVI, v.g. ‘haver por seu barato’: ter por bem; ‘esperar um barato da fortuna’: esperar um favor ou benefício da

fortuna; etc.” (*Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Lisboa, Fernandes Lopes ed., 2^a. ed., 1865.)

Ouvidos moucos – “A palavras loucas, orelhas moucas”.

Pau que nasce torto... – “Quem torto nasce, tarde se indireita”.

Pedaço de mau caminho – “Em quada [cada] parte há pedaço de mau caminho”.

Pegar pela palavra – “[Pega-se] Ao boy pello corno e ao homem pella palavra”.

Pentear macacos (asno) – “Tal grado haja, quem o asno pentea”.

No sentido de: Para quem gosta é prato cheio.

Quem viver, verá – “Quem viver, verá a volta que o mundo dá”.

Rodeios (ao falar) – “Quem por rodeos falla, com arte anda”.
arte = falar enganoso

Salve-se quem puder! – “A barca é rota, salve-se quem poder”.

Subir à cabeça – “Boa é a fazenda [riqueza], quando nam sobe à cabeça”.

Uma no cravo; outra na ferradura – “Castigo de dura: huma no cravo, outra na ferradura”

A prudência que tempera o castigo, torna a lição duradoura.

Vender gato por lebre – “Em caminho frances, vende-se o gatto por res”

Caminho francês eram as estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para Santiago de Compostela. Eram também rota comercial.

Ver estrelas – “Farte-ei ver as astrellas ao meyo dia”.

Provérbios que permaneceram (com forma e sentido semelhantes ou não).

“A bom entendedor, poucas palavras”.

“A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha”.

Este provérbio (e outro apresentado por Delicado “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha”) evocam a cantiga de roda, com que, ainda hoje, brincam as crianças: “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...”

“A cavallo dado nam olhes o dente”.

“A mor pressa, mayor vagar”.

Devagar que estamos com pressa.

“A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.

“Agoa molle em pedra dura, tanto dá até que fura”.

“Ao villam da-lhe o dedo, tomar-te-á a mam”.

“Caçar e comer começo quer”

Hoje: “Comer (ou trair) e coçar é só começar”.

“Cada ovelha com sua parelha”.

“Cada um chega a braza à sua sardinha”.

“Cam, que muito ladra, pouco morde”.

“Chega-te aos bons, seras hum delles”.

“Com agua passada nam moe o moinho”.

“Como me tangerem, assi bailarei”

Dançar conforme a música.

“Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se azinha [rapidamente]”.

“CUSPO PERA O CEO, CAY-ME NO ROSTO”.

“Dá Deos a roupa, segundo é o frio”.

“Dá Deos biscouto a quem nam tem dentes”.

“De bons propositos, está o inferno cheo, o ceo de boas obras”.

“De hora em hora, Deos melhora [faz melhorar]”.

“De noite os gattos todos sam pardos”.

“De pequinino se troçe o pepino”.

“Devagar vam ao longe”.

“Dize-me com quem andas, dirteei que manhas has”.

“Em bocca fechada, nam entra mosca”.

“Em casa de enforcado nam nomees o baraço [laço]”.

“Faze bem, nam cates [olhes] a quem”.

“Fazei vós o que bem digo e nam o que mal faço”.

“Filhos casados, cuidados dobrados”.

“Gatto a quem morde a cobra, tem medo à corda”.

“Gatto escaldado, da agua fria ha medo”.

“Gram e gram enche a galinha o papo”.

“Hahi [há] mal que vem por bem”.

“Hum pay pera cem filhos e nam cem filhos pera hum pay”.

“Huma andorinha nam faz veram”.

“Ir por lam e vir tosquiado”.

“Mais val hum passaro na mão, que dous, que vam voando”.

“Mais val que sobeie (sobre) que nam falte”.

“Mais val quem Deos ajuda, que quem muyto madruga”.

“Mais val só, que mal acompanhado”.

“Melhor é estar só, que mal acompanhado”.

“**Mentiras de caçadores sam as mayores**” (Hoje: “pescadores”).

“Na casa do homem pobre todos peleijam (brigam) e nam sabem de que e é porque nam tem que comer”.

Hoje: casa que não tem pão, todos brigam e ninguém tem razão

“Nam é o Demo tam feo como o pintam”.

“Nam é tudo ouro, o que reluz”.

“Nam há peyor surdo, que o que nam quer ouvir”.

(Hoje: cego/ver)

“Nam passes o pé alem da mão”

Não dar passo maior do que a perna.

“Na terra dos cegos, o torto é Rey”.

“Nem diga, desta agoua nam beberei, nem deste pam nam comerei”.

“Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.

“O olho do amo engorda o cavallo”.

“O que se aprende no berço, sempre dura”.

“Onde fogo nam ha, fumo nam se levanta”.

“Prata é o bom fallar, ouro é o bom callar”.

“Preso por mil, preso por mil e quinhentos”

Hoje: “Perdido por um, perdido por dez”.

“Qual o pay, tal o filho, qual o filho, tal o pay”.

“Quando em casa não está o gatto, estende-se o rato”.

“Quando o ferro está acçendido, entam ha de ser batido”.

“Quem cala, consente”.

“Quem cõ caens se lança, com pulgas se levanta”

Hoje: “Quem dorme/brinca com criança/fogo...”.

“Quem diz o que quer, ouve o que nam quer”.

“Quem engana ao ladram, cem dias ganha de perdam”.

“Quem o feo ama, fermoso lhe parece”.

“Quem promette, deue”.

“Quem tem bocca vay a Roma”.

“Quem tem telhado de vidro, nam tire pedras ao do vizinho”.

“Rey morto, Rey posto”.

“Tirar a castanha do fogo com a mão do gatto”.

Medievais-Oriente e Ocidente USP (FE-EDF) e de suas revistas internacionais. Autor de diversos livros e artigos publicados em 20 países e traduzidos a 12 línguas. Colaborador da revista ***Língua Portuguesa***, desde o No. 1 (agosto de 2005) até o presente (No. 100, fevereiro de 2014), responsável pela coluna Filosofia e Linguagem, seus artigos agora estão recolhidos neste e em outros dois livros: *Filosofia na Língua* (<http://www.hottopos.com/ebooks/filosofianalingua.pdf>) e *A Filosofia na Linguagem* (Editora Segmento).

Página pessoal:

<http://www.jeanlauand.com>

email: jeanlaua@usp.br

“Uma das grandes contribuições do pensador alemão Josef Pieper (1904-1997) para o método da Antropologia Filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos (...) na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias. Nesse quadro, a linguagem passa a ser todo um laboratório para o pesquisador em antropologia: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.” (JL – “O laboratório de cada povo” *Língua Portuguesa*, No. 42, abril de 2009).

Apoio cultural:
Radix – Projetos Educacionais

ISBN 978-85-89909-91-4



9 788589 909914